

Núcleo Energia

Proposta de patrocínio
Fevereiro, 2019

Objetivo do Núcleo Energia

O objetivo do Núcleo Energia é fomentar o debate no tocante às questões relacionadas ao tema de energia que (i) tenham potencial de alavancar a inserção da indústria brasileira nas cadeias globais; (ii) estejam alinhadas com as tendências energéticas globais (inovações tecnológicas, regulação, geopolítica, gestão e etc.); e (iii) tenham potencial de influenciar a elaboração de políticas públicas na criação de um ambiente de investimentos competitivo e atrativo.

Estrutura

A coordenação do Núcleo Energia é conduzida pelo CEBRI, sob a liderança de Jorge Camargo, membro do Conselho Curador da instituição. A produção de conhecimento e conteúdo das atividades do Núcleo de Energia é feita pela *Senior Fellow* do CEBRI e sócia fundadora da Catavento, Clarissa Lins, em parceria com o CEBRI.

Cada um dos temas está estruturado nas seguintes etapas:

- **Mesa redonda:** organização, elaboração de conteúdo, alinhamento e convite aos *stakeholders*, além de moderação do evento.
- **Consolidação e sistematização de conteúdo:** elaboração de um documento curto de consolidação das discussões do debate e *policy recommendations* (quando aplicáveis) sobre cada um dos temas abordados. O documento respeitará as regras de não atribuição da Chatham House.
- **Relacionamento com gestores públicos:** o CEBRI organizará encontros com lideranças e/ou equipes técnicas governamentais, para apresentação das *policy recommendations*, sempre que aplicável.

O Núcleo Energia tem como visão estratégica desenvolver o vasto potencial nacional de modo a transformar o Brasil em potência energética, em um ambiente de negócios aberto, diversificado e

Núcleo Energia 2019

competitivo, aderente à transição global para uma economia de baixo carbono. Pertencer ao futuro da energia. Neste sentido, o Núcleo de Energia 2019 programou a realização de 4 mesas-redondas e 1 seminário, conforme programa abaixo.

Mesas-redondas

1) *Soft power* e o setor energético

O comércio e a interdependência entre os países são fatores preponderantes nas relações de poder. Questões relacionadas com a geopolítica da energia estão intimamente relacionadas com as dinâmicas da economia do petróleo. Países detentores de reservas de O&G possuem significativa influência nas relações globais. Pode-se destacar o bloco dos países exportadores de petróleo (OPEP), cujas decisões impactam os preços do barril e a economia internacional. Paralelamente, surgem fontes de energia renováveis capazes de alterar tais relações de poder. Tradicionais importadores de recursos fósseis podem acessar diferentes fontes de energia, reduzindo sua dependência energética. Caracterizado pela abundância e diversidade de fontes energéticas, o Brasil apresenta condições de exercer sua influência regional. É oportuno refletir sobre os possíveis caminhos para consolidar sua liderança regional, bem como novas oportunidades e desafios que surgem nesse sentido.

Direcionamentos propostos:

- Quais os elementos que caracterizam uma potência energética?
- Quais as principais vias e mecanismos de influência na geopolítica da energia?
- De que forma os recursos do pré-sal podem contribuir para a relevância do Brasil na região da América do Sul?
- Diante do contexto de eletrificação, quem são os principais atores multinacionais do setor elétrico sul-americano? De que forma tais atores podem exercer sua influência na região?
- Diante da diversidade e abundância de fontes, quais os possíveis caminhos para o Brasil se tornar potência energética?

Sugestão preliminar de painelistas: Dr. Atul Arya (IHS Markit), André Clark (Siemens/CEBRI), Luiz Barroso (PSR), Carla Lacerda (ExxonMobil), Nicola Cotugno (Enel)

2) Mudanças em curso no mercado de gás natural

O GNL vem promovendo mudanças significativas no mercado global de gás. Por possuir características competitivas importantes, como maior flexibilidade logística e a maior densidade energética, o GNL apresenta enorme potencial de crescimento, podendo se tornar uma das opções preferidas de consumo¹. No mercado nacional, constata-se um aumento da produção de gás natural bruto, associado do pré-sal. Entretanto, devido à priorização da produção de petróleo e a falta de infraestrutura de gasodutos *offshore*, o gás natural tem sido reinjetado. Atualmente, o volume de gás

¹ FGV. A dialética do mercado de gás natural brasileiro. 2018

reinjetado já supera as importações de gás natural boliviano, tornando relevante o debate sobre o desenvolvimento de infraestrutura interna de escoamento.

Paralelamente, outro fator importante para o mercado de gás natural é a expectativa de maior penetração de fontes renováveis. Por se tratarem de fontes intermitentes, é necessário garantir maior estabilidade no fornecimento de energia elétrica. Nesse sentido, o gás natural, menos emissor que as demais fontes fósseis, surge como um forte candidato para assumir esse papel. Diante desse novo cenário de maior relevância do gás natural, faz-se necessário debater os principais elementos em transformação e os mecanismos necessários para a promoção de um mercado competitivo, entre eles o aprimoramento do arcabouço regulatório.

Direcionamentos propostos:

- Considerando as novas renováveis e o gás natural no Brasil, podemos indicar um cenário de cooperação ou competição?
- Como garantir maior competitividade ao mercado de gás natural no Brasil? De que forma destravar novos investimentos na cadeia de suprimentos?
- Quais os principais aspectos que devem ser considerados para o aprimoramento do arcabouço normativo do setor de gás natural?
- Quais as perspectivas para o mercado de GNL no Brasil? Quais os eventuais benefícios de novos terminais de regaseificação?

Sugestão preliminar de painelistas: Ieda Gomes (Senior Research Fellow The Oxford Institute for Energy Studies), Luiz Costamilan (IBP), Cesário Cecchi (ANP), Marcelo Cruz (Petrobras)

3) Competitividade e o setor de *downstream*

O setor de óleo e gás brasileiro vem passando por profundas transformações nos últimos anos, em especial no setor de *upstream*. Pode-se destacar o fim do operador único no pré-sal, calendário previsível de leilões, extensão do REPETRO e novas políticas de conteúdo local. Tais mudanças contribuiriam diretamente para a consolidação de um ambiente mais competitivo e transparente. Entretanto, ainda existem desafios que precisam ser endereçados, em especial no setor de *downstream*.

O Brasil encontra-se em uma posição relevante no mercado de combustíveis, 7º maior consumidor de petróleo no mundo e o 3º maior em combustíveis rodoviários². Adicionalmente, estimativas apontam para um crescimento de 20% na demanda por combustíveis até 2026³. Por outro lado, existem desafios para atração de novos investimentos e desenvolvimento do setor. Caso seja mantida a atual capacidade de refino, a demanda por combustíveis deverá ser crescentemente atendida por importações, hoje na ordem de 13% do mercado. Nesse sentido, torna-se oportuno discutir as condições necessárias e suficientes capazes de promover investimentos e aumento de produção a partir da entrada de novos atores.

Direcionamentos propostos:

² ANP. A retomada da Indústria do Petróleo e Gás no Brasil. Agosto 2018

³ EPE. Plano Decenal de Energia. 2018

- Quais seriam os princípios básicos a nortear uma nova visão para o *downstream* brasileiro⁴?
- Como garantir maior competitividade ao mercado de refino no Brasil? De que forma atrair novos agentes e investimentos para o setor?
- De que forma um mercado aberto com pluralidade de agentes pode contribuir para a transparência na formação de preços dos combustíveis?
- Quais os impactos dos gargalos logísticos para o abastecimento de combustíveis?

Sugestão preliminar de painelistas: Marcelo Araújo (Plural/Ipiranga), Décio Oddone (ANP), Anelise Quintão Lara (Petrobras), Jorge Camargo (CEBRI), Alberto Guimarães (IBP)

4) Oportunidades e desafios da transição energética – Evento com CEO global

Transição energética está transformando a forma como consumimos e produzimos energia. Impulsionada por novos hábitos de consumo, políticas públicas e desenvolvimento tecnológico, a transição tende a impactar de forma significativa os sistemas energéticos atuais. Constata-se que a transição para fontes renováveis está ocorrendo em uma velocidade superior àquela prevista originalmente⁵. De acordo com o IEA⁶, a capacidade instalada de energia solar atingiu 225 GW em 2015, 11 vezes maior que o previsto em 2006. Apesar desse cenário, a transição para uma economia de baixo carbono ainda contará com elevada participação das fontes fósseis, respondendo por 52% da oferta primária de energia em 2040⁷. Nesse sentido, é oportuno refletir sobre possíveis caminhos que possibilitem o acesso à energia de forma segura, barata e limpa, assim como oportunidades e desafios que surgem nessa direção.

Direcionamentos propostos:

- Quais países se destacam na agenda de transição energética? Quais os principais ensinamentos para o Brasil?
- Diante de um cenário de aumento da demanda energética global, como promover o desenvolvimento sustentável do setor? Como conciliar a demanda energética com a redução das emissões de gases poluentes?
- Como as principais empresas do setor energético estão se preparando para eventuais novos mecanismos de regulação? (ex: precificação de carbono e tarifação horária)
- De que forma novas tecnologias podem contribuir para os objetivos climáticos? A confiança exacerbada no desenvolvimento tecnológico pode ser prejudicial à essa agenda?

Sugestão preliminar: CEO global

⁴ Jorge Camargo. Novos tempos e desafios para o *downstream* brasileiro. 2016

⁵ IEA. World Energy Outlook. 2017

⁶ IEA. World Energy Outlook. 2017

⁷ IEA. World Energy Outlook. 2017

Seminário

O Núcleo Energia realizará um seminário, na cidade de São Paulo, no 1º semestre de 2019, com vistas a debater as perspectivas para o futuro da transição energética no Brasil.

1) Transição energética: desafios e oportunidades

O setor energético global passa por um período de grandes transformações, impactando de forma relevante as relações internacionais. Atualmente, a geopolítica da energia está intimamente relacionada com as dinâmicas da economia do petróleo, panorama que tende a mudar com a maior penetração de fontes renováveis⁸. Diferentemente do que ocorre com petróleo e gás natural, as renováveis estão disponíveis em diferentes formas em grande parte dos países, potencialmente desencadeando mudanças na dinâmica de poder e influência entre as nações.

No cenário nacional, a existência de uma matriz energética com elevada participação de fontes renováveis (46%)⁹ e abundância de fontes possibilita ao país almejar a posição de potência energética com influência regional. Nesse sentido, o Brasil segue na direção de um *mix* diversificado de fontes energéticas, onde estimativas apontam para uma matriz energética com 48%¹⁰ de renováveis em 2027. Diante desse cenário de diversidade de fontes, faz-se necessário refletir sobre as ambições do país na geopolítica energética global e compreender os impactos dessas transformações nas formas de consumir e gerar energia.

Painéis sugeridos: (i) a nova geopolítica da transição energética e (ii) transformações em curso: o novo contexto energético brasileiro.



Independente, apartidário e multidisciplinar, o Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI) é uma instituição sem fins lucrativos, que atua para influenciar positivamente a construção da agenda internacional do país. Fundado há 20 anos por um grupo de empresários, diplomatas e acadêmicos, o CEBRI possui ampla capacidade de articulação, engajando em seu plano de trabalho os setores público e privado, a academia e a sociedade civil. Além disso, conta com um Conselho Curador atuante e formado por figuras proeminentes e com uma rede de mantenedores constituída por instituições de múltiplos segmentos.

⁸ IRENA. A New World. The Geopolitics of Energy Transition. 2019

⁹ EPE. Plano Decenal de Expansão de Energia 2026. 2017

¹⁰ EPE. Plano Decenal de Expansão de Energia. 2027